

Economia perde ritmo e pode crescer só 1%

Brasil

IBGE constata desaquecimento no primeiro trimestre, quando o PIB apresentou retração de 0,56%

Editoria de Arte

Andréa Dunningham

Se até o fim do ano a economia não crescer mais, o Produto Interno Bruto (PIB) do país deve fechar 1997 com um aumento entre 1% e 1,5%. A estimativa é do coordenador das contas nacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Roberto Olinto, e se baseia nos sinais de desaquecimento registrados nesse início de ano.

O IBGE informou ontem que o PIB do primeiro trimestre de 1997 caiu 0,56% em relação ao últimos três meses do ano passado, de acordo com a série com ajuste sazonal. Segundo Olinto, isso significa que o nível de atividade ainda está em patamar alto, porém estável.

Projeção mais otimista prevê crescimento de até 3% para 97

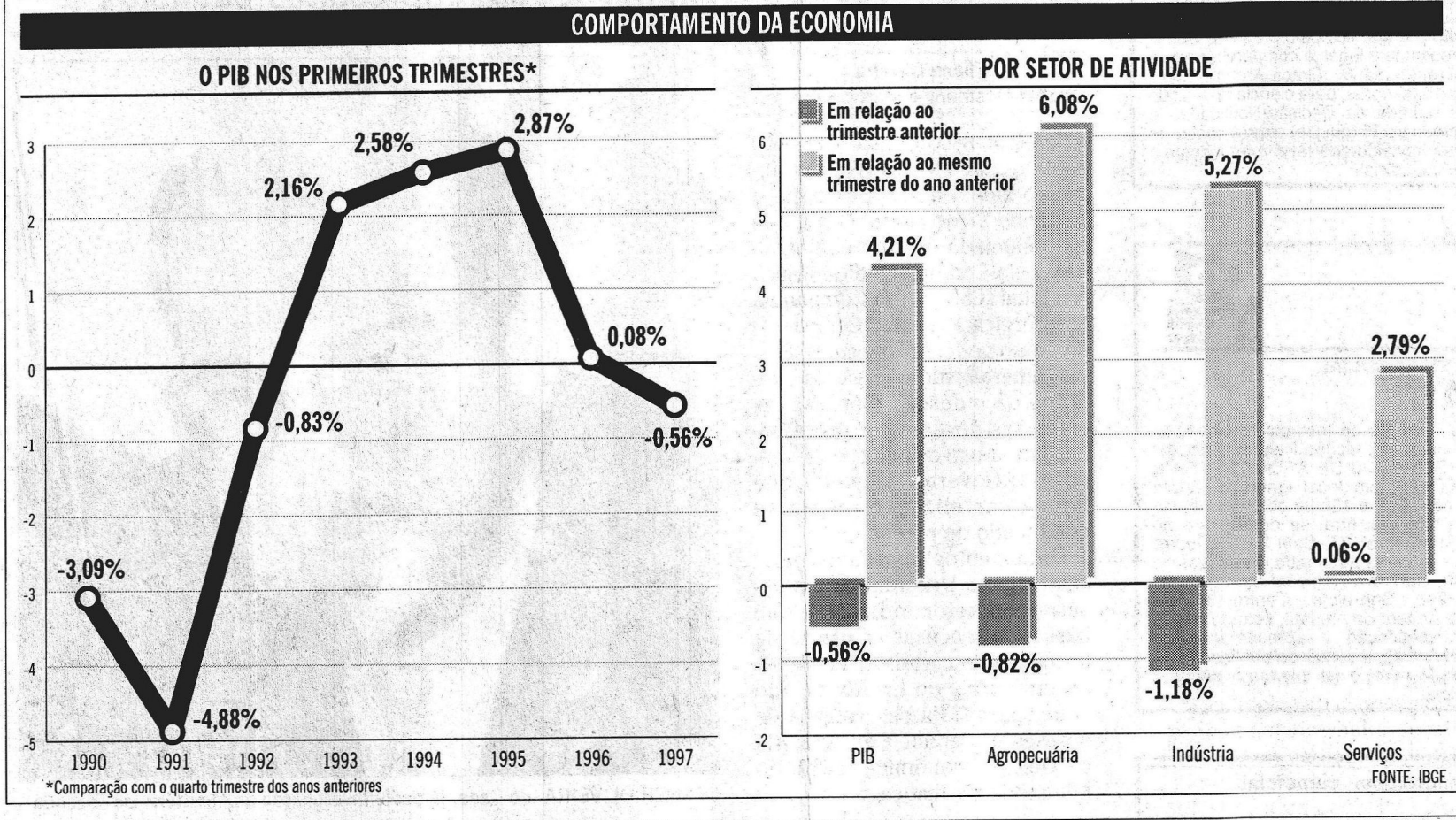
Numa projeção mais otimista, Olinto admite que o PIB possa crescer 3% este ano — praticamente repetindo os 2,97% de 1996 — mas para isso, diz ele, seria necessário que o Governo estimulasse o consumo. Esta, entretanto, não parece ser a meta da equipe econômica. Alguns analistas já recomendam, inclusive, a adoção de medidas restritivas ao crédito, visto que o país precisa melhorar o mau desempenho das contas externas. Segundo Olinto, se o Governo adotar um novo freio na economia, o crescimento do PIB deverá ser ainda menor do que sua projeção de 1% a 1,5%, mas ele não arrisca uma nova estimativa:

— Isso dependeria muito do grau de retração adotado.

O resultado de 1,5% seria também bem inferior à meta de crescimento de 4% fixada pelo Governo e de até 4,5% projetada por alguns economistas.

— Os analistas já estão começando a rever suas projeções para baixo — explicou o técnico, acrescentando que, se o PIB crescer só 1,5%, não deverá haver melhora na distribuição de renda, já que, pelas estimativas do IBGE, a população deve crescer a uma taxa de 1,27% este ano.

Na avaliação do técnico, os números do PIB mostram que não há aquecimento excessivo da economia e, portanto, o cenário mais plausível seria o de crescimento de 1,5%. Olinto aproveita para pôr sob suspeita a prática de conter consumo para segurar o déficit comercial:



— A balança comercial continua deficitária e o PIB não explodiu. Isso mostra que não há uma relação tão forte entre a balança e o crescimento da atividade econômica. Tenho a sensação de que as pessoas estão antecipando importações, com medo de um novo freio — disse ele.

Para a economista Denise de Pascoal, da Trend Consultoria, embora tenham ficado abaixo das previsões do mercado, os números do primeiro trimestre não chegam a preocupar. Segundo ela, o crescimento não poderia

mesmo atingir índices muito mais altos, pois o cenário internacional é de baixa no nível de atividade econômica, com focos localizados de recessão. Um crescimento alto do PIB em países como o Brasil, só seria possível, diz ela, com um sacrifício nas contas externas.

Para Olinto, a retração sentida no primeiro trimestre foi puxada por dois fatores: o elevado grau de endividamento da população e o fato de a massa salarial ter crescido apenas 1% no primeiro bimestre de 97. Desde o primeiro

trimestre de 1992, quando o PIB recuou 0,8%, a economia não apresentava queda em relação ao trimestre anterior.

A maior retração, de 1,18%, foi verificada na indústria, especialmente a de transformação (queda de 1,97%). A agropecuária caiu 0,82%, pois embora a pecuária tenha crescido 3,79%, a produção das lavouras recuou 4,81%. O setor de serviços foi o único a apresentar desempenho positivo, de 0,06%. O crescimento de 1,88% no setor de transportes puxou o resultado, enquanto a queda de

1,33% em comunicações surpreendeu os técnicos do IBGE.

Todo esse cenário muda de figura quando a base de comparação é o ano de 1996. Segundo o IBGE, o PIB do primeiro trimestre de 97 teve um crescimento de 4,21% em relação a igual período de 96. A explicação é uma só: naquela época, a economia ainda estava sob o efeito das medidas restritivas adotadas no fim de 95. Nessa comparação, o maior crescimento foi o da agropecuária, de 6,08%. A indústria cresceu 5,27%, e o setor de serviços, 2,79%. ■